MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA E SUAS LUTAS FEMINISTAS DECOLONIAIS: O QUE ELAS NOS ENSINAM PARA O ACESSO JUSTO À CULTURA FÍSICA?

Victória Cristina Benjamim Chagas (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Gabriella Gonçalves Mendes da Silva (PEF/UEM/UEL), Larissa Michelle Lara (Orientadora). E-mail: lmlara@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Educação Física, Maringá, PR.

Área do conhecimento: Educação Física

Palavras-chave: mulheres negras; decolonialidade; cultura física.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar estudos desenvolvidos por pesquisadoras negras em suas lutas feministas decoloniais no sentido de entender como elas orientam possibilidades educativas para o acesso justo à cultura física. O mapeamento de estudiosas feministas negras e dos estudos que comporiam o corpus analítico da pesquisa culminou na seleção de cinco pesquisadoras e uma obra referência de cada uma delas. As pesquisas analisadas mostram o engajamento das pesquisadoras em temas relacionados ao acesso à universidade por estudantes negros, às políticas de permanência estudantil, à busca por igualdade de direitos e oportunidades no âmbito científico e às desigualdades sociais atreladas às questões de raça/etnia. Tais estudos mobilizam reflexões acerca da necessidade de luta por espaços igualitários e práticas democráticas, o que inclui o amplo campo da cultura física, haja vista ser o racismo estrutural densamente impresso e externado no corpo.

INTRODUÇÃO

Este estudo explora estudos desenvolvidos por pesquisadoras negras em suas lutas feministas decoloniais no sentido de entender como esses estudos orientam possibilidades educativas para o acesso justo à cultura física. O interesse pelo tema dá-se, sobretudo, pelo desenvolvimento de estudos relacionados ao feminismo no campo denominado Estudos Culturais Físicos/ECF ou *Physical Cultural Studies*/PCS (em língua inglesa) e as lacunas identificadas no tocante a problemáticas decoloniais, as quais passam a ser tratadas nessa investigação a partir de estudos desenvolvidos por pesquisadoras negras que compõem o corpus analitico da pesquisa no contexto brasileiro.

Esse estudo justifica-se pela necessidade de compreensão de mulheres negras na ciência, no contexto brasileiro, e de suas lutas decoloniais no âmbito do ensino e da pesquisa, como maneiras de transgredir padrões elitistas, generificados

e excludentes rumo a práticas democráticas e libertadoras que necessariamente passam pelo corpo e pela cultura física. Com isso, intentamos pensar as contribuições dessas pesquisadoras negras para a materialização de uma cultura física inclusiva e democrática que traga intervenções apropriadas no combate ao racismo estrutural.

MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento dessa pesquisa volta-se para as pesquisas realizadas por mulheres negras, com recorte especial para os estudos feministas com tons brasileiros, em suas perspectivas decoloniais, de modo a identificar como oferecem elementos para o acesso justo à cultura física. Para tanto, foram realizadas buscas de pesquisadoras negras na Plataforma Lattes, no Portal de periódicos da Capes, na base SciELO, no Google Acadêmico, em Grupos de Trabalhos Temáticos de Associações e Comitês, redes sociais no sentido de eleger aquelas (e suas obras) que integrariam a pesquisa.

Por meio das buscas, encontramos diversas pesquisadoras negras que desenvolvem estudos relacionados ao feminismo e à decolonialidade. No entanto, para delimitarmos a pesquisa, alguns critérios orientaram a seleção das pesquisadoras. Partimos do principal deles, qual seja, ser mulher negra na ciência brasileira e voltar-se a um fazer científico decolonial. Na sequência, outros indicadores passaram a ser considerados: ter livros/capítulos prioritariamente autorais e/ou como organizadoras no tema da pesquisa; b) ter artigos científicos no tema da pesquisa; c) possuir vínculo com Instituições de Ensino Superior, Centros/Institutos de Pesquisa; d) ter premiação/destaque por atuações em defesa da diversidade, da igualdade étnico-racial; e) ocupar espaços sociais relevantes em defesa de minorias ou em posição de destaque ao feminismo negro. Outros dados biográficos relevantes que pudessem assessorar a organização do mapeamento também foram considerados. Com isso, cinco pesquisadoras e uma obra referência de cada uma delas (escolhidas pelo vínculo com esse estudo) passaram a compor o corpus analítico da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 apresenta as pesquisadoras eleitas para o estudo, a obra selecionada para essa pesquisa, o ano de publicação, o local de publicação e premiação ou destaques por lideranças em prol dos direitos de minorias.

Quadro 1 – Pesquisadoras e obras selecionadas

Nº	Pesquisadoras	Nome da obra/artigo/capítulo	Ano de publicação	Revista/ Editora	Prêmios/Destaques
1	Nilma Lino Gomes	O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.	2017	Editora Vozes	Prêmio Magda Soares de Pesquisa em Educação (2020), Prêmio Carolina Bori, Ciência & Mulher-SBPC (2022), medalha

					Roquete Pinto (2022).
2	Wilma de Nazaré Baía Coelho	Estudantes negras da licenciatura e o ensino remoto emergencial.	2022	REPECULT - Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura	Diploma de Mérito - Zumbi dos Palmares, Comissão Executiva Da Câmara Municipal De Belém (2016).
3	Eugênia Porte de Siqueira Marques	O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra.	2018	Revista Brasileira de Educação	Medalha Legislativa Zumbi dos Palmares Campo Grande (2022); Honra ao Mérito - NEAB 10 Anos, Universidade Federal da Grande Dourados (2017); e Prêmio Zumbi dos Palmares (2016).
4	Vera Regina Rodrigues da Silva	Epistemologias Afrolatinoaericanas / Colorismo: o esqueleto no armário do racismo (capítulo de livro)	2021	Editora LiberArs	Construindo a Igualdade Racial - II Prêmio de Artigos Científicos, Coordenadoria dos Assuntos da População Negra de São Paulo (2012).
5	Marivânia Conceição de Araujo	Cotas raciais, movimento negro e os núcleos afrobrasileiros: o caso da UEM (coautoria com Cardoso e Martins)	2022	Revista Escritas do Tempo	Liderança na defesa do movimento em prol das cotas raciais na Universidade Estadual de Maringá-UEM e por direitos da população negra. Coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-brasileiros–NEIAB/UEM.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gomes (2017) discute a importância do movimento negro na luta por uma educação emancipadora e pela igualdade racial no Brasil. A autora apresenta análise histórica do movimento negro nacional e destaca a sua relação com a educação. Coelho (2022) aborda experiências de estudantes negras na licenciatura e como as desigualdades social e racial se inserem no Ensino Remoto Emergencial (ERE), além de desafios específicos relacionados à identificação racial e ao preconceito que podem afetar a participação, a motivação e o desempenho acadêmicos. Marques (2018) discute a afirmação da identidade negra dos estudantes ingressantes pelo sistema de cotas em cursos de graduação em uma realidade local com vistas à democratização do acesso à educação superior no Brasil.

Silva (2021) explora o colorismo em profundidade, analisando suas origens históricas, manifestações contemporâneas e referências para as comunidades comunitárias. A autora destaca a necessidade de reconhecer e discutir o colorismo como parte da luta contra o racismo, promovendo a aceitação de todas as

tonalidades de pele e a valorização da diversidade no interior das comunidades. Por fim, Cardoso, Araújo e Martins (2022) abordam as lutas e os desafios para a adoção de cotas raciais na Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná, destacando o papel crucial do Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-brasileiros (NEIAB) nessa mobilização.

CONCLUSÕES

Embora as pesquisadoras negras não discutam raça e etnia associadas ao campo da cultura física, seus estudos nos ensinam que o não acesso a diversos direitos inclui também a dificuldade às práticas do corpo, em suas diferentes formas de manifestação (ginástica, jogos, esporte, lazer). Os estudos das mulheres feministas negras, ao falarem de identidade negra, combate ao racismo, lutas decoloniais, levam-nos a pensar e a defender uma cultura física inclusiva, diversa, que rompa com a hegemonia branca e que propicie que diferentes corpos possam ser aceitos, valorados e visibilizados em sua busca por conhecimento.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Maringá, por incentivar o acesso à pesquisa científica. Ao CNPq, por conceder a bolsa que tornou possível esse estudo. À minha orientadora, pelo acompanhamento e auxílio nessa caminhada. A todos/as pesquisadores/as que fomentam descobertas e novas fontes de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, mai.ago. 2013.

CARDOSO, C. S. N.; ARAUJO, M.C.; MARTINS, D. T. F. Cotas raciais, movimento negro e os núcleos afrobrasileiros: o caso da UEM. **Escritas do Tempo**, v.4, n.10, p. 10-22, jan.-abr. 2022.

COELHO, W. N. B. Estudantes negras da licenciatura e o ensino remoto emergencial. **REPECULT - Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**, v. 6, n. 10, 2022. Disponível em: http://doi. org/10.29327/211303, Acesso em: 12 abr. 2023.

MARANI, V.; SA, A. B. S.; LARA, L.M. Introdução à obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies, organizada por Michael L. Silk, David L. Andrews e Holly Thorpe. **Acta Scientiarum. Education,** v. 43, p. 1-13, 2021.

MARQUES, E. P. S. O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. 1-23, 2018.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SILVA, V.R.R. Colorismo: o esqueleto do racismo. In: CASTRO, A. M.; MOREIRA, R. B. (org.). **Epistemologias afrolatinoamericanas**. São Paulo: Liberars, 2021. p.15-27